

A UNIVERSIDADE E A MEDIOCRIDADE

SOB a presidência do Eminentíssimo Cardeal-Patriarca de Lisboa, e com a assistência do Ministro da Educação Nacional abriu, ontem, o Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica.

O tema geral do Congresso: «A Universidade e o Pensamento Católico» — será tratado em sessões plenárias e parciais, constando do programa não só a apresentação de teses da maior actualidade, mas ainda a presença de ilustres nomes do mundo universitário que aceitaram vir ser «professores» nesta catedra magnífica que pode, e deve ser, o presente Congresso.

Vem na hora própria estas Cortes Gerais dos universitários católicos portugueses. Por toda a parte a ideia tomou corpo — e sente-se que alguma coisa anda mal no campo da Universidade.

Há queixas. Há críticas. Propõem-se remédios. Apontam-se negligências. A palavra: *reforma* é a que logo acode a todos. Os professores queixam-se dos alunos — os alunos acusam os professores. Uns e outros passaram a exigir à Universidade o que ela não é desde há muito...

Quem tem a culpa? Responderemos que, antes de mais nada, não há que olhar apenas para a situação presente. Vem de muito longe o mal e, se quisermos ser simplesmente realistas e verdadeiros, encontraremos que, ao fim e ao cabo, a Universidade está doente desde que a secularizaram, subtraindo-a à influência da Igreja, que a viu nascer e a baptizou.

Como todas as instituições, também a Universidade sofreu e sofre os embates desta hora. Nem só professores e alunos, nem só os Governos são responsáveis por este mal estar que, por se tratar de uma instituição-célula, fundamental, atinge o corpo social de uma forma trágica.

Estará próxima a Reforma da Universidade? Vai alguma nação dar-nos um tipo de universidade exemplar que vá servir de paradigma para outras reformas?... Vai vagar a orientação clássica ou a técnica, na reforma universitária?

Creemos que estamos longe ainda de se ter encontrado um meio termo sequer que sirva de plataforma. O pior mal que está na origem deste e outros problemas, será, sobretudo, o de uma mentalidade falsa ou falseada — que não deixa ver nada claro ou, pior talvez, que se estabeleceu sobre «falsas ideias claras». Aqui, parece-nos, se poderá também dizer aquela palavra de Salazar: — «só uma mentalidade salvou a Universidade».

Entre todos os pecados mortais que comete a Universidade do nosso tempo — um é terrivelmente grave (e tanto mais quanto todos menos se dão conta dele): o pecado da mediocridade. Salvo honrosas excepções — tanto num campo como noutro — tudo ali é gravemente mediocre.

Importem-se outros com a cultura, com a investigação ou com qualquer dos fins que a Universidade deve prosseguir: a nós dói-

nos que o clima universitário seja mediocre e que até os melhores acabem em mediocres ou — o que será mil vezes pior — «doiradamente mediocres»...

Talvez seja fácil dissertar sobre os fins da Universidade. É mesmo fácil. Dar uma alma à Universidade — obrigá-la a ser, *por dentro*, madre de valores, levá-la a impor-se essencialmente esta missão — isso, sim, que não é obra de tese ou de discussão. Isso é obra de autênticas vocações.

(CONTINUA NA 6.ª PÁGINA)

Sob a presidência do Senhor Cardeal Patriarca

e perante o Ministro da Educação Nacional e numerosas outras individualidades

inaugurou-se ontem solenemente o Congresso da Juventude Universitária Católica

FOI inaugurado ontem, à noite — «magnificamente», afirmou o Senhor Dom Manuel Gonçalves Cerejeira, na sua palavra autorizada — o II Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica. Reuniu-se com a inscrição e a presença de mil e novecentos congressistas, escol do jovem pensamento católico português, aristocracia do espírito, certeza de que

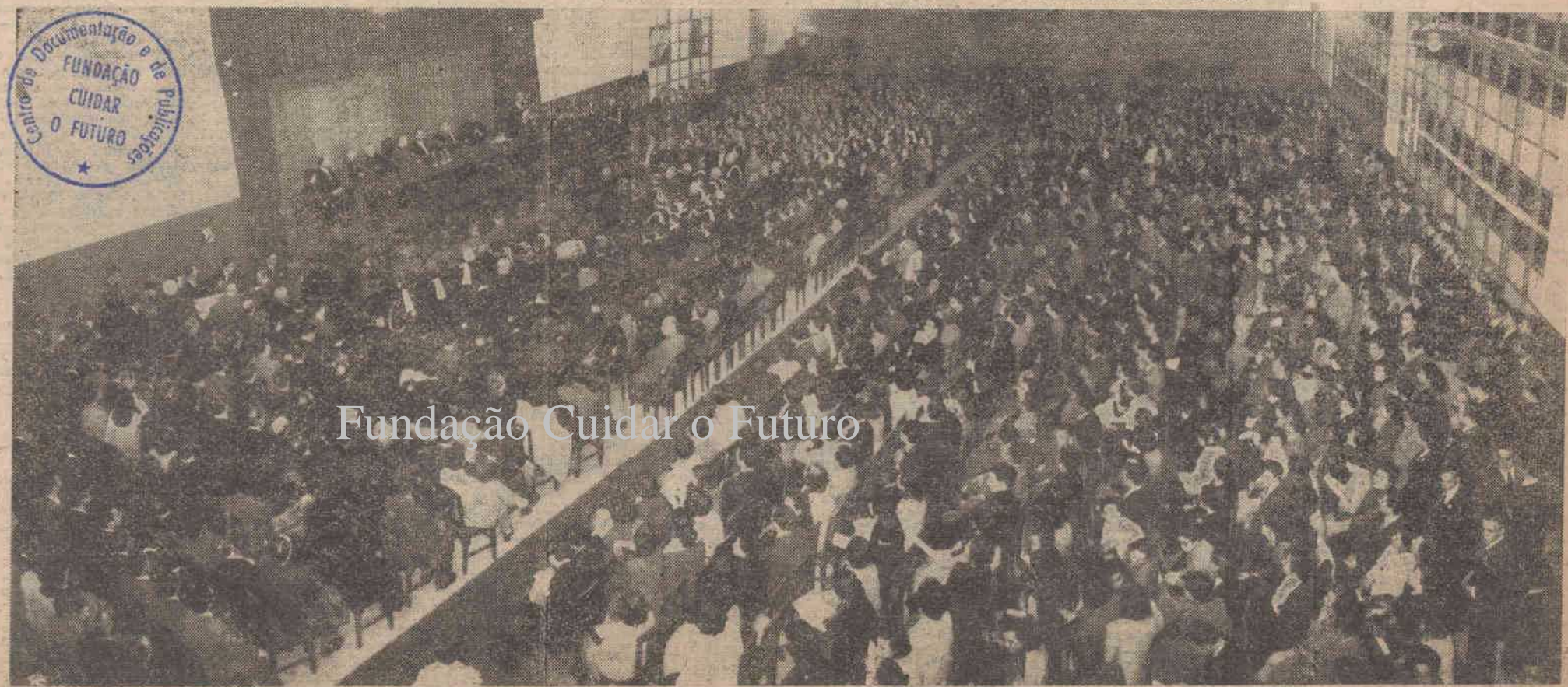
continuará «português e cristão» o Portugal de amanhã.

Para congregar esta juventude, entusiástica, alegre e firme nos seus propósitos de crença, houve que transformar em grande salão de reuniões, a maior aula do Instituto Superior Técnico. No Congresso dos Universitários Católicos estão presentes alunos de todas as

Faculdades e Escolas Superiores do País. A sessão inaugural foi presidida por Sua Eminência o Cardeal-Patriarca de Lisboa. Na mesa de honra sentaram-se, à direita, mons. Moreira, em representação do Nuncio de Sua Santidade; Dom Manuel Trindade Salgueiro, arcebispo de Milene e presidente nacional da Acção Católica; Bernard Ducret, secretário-geral do Movimento Internacional dos Estudantes Católicos «Paz Romana», e a estudante Maria de Lurdes Pintassilgo, presidente da J. U. C. F. A esquerda, ficaram os srs. prof. doutor Fernando Pires de Lima, Ministro da Educação Nacional; prof. eng.º Belard da Fonseca, director do Instituto Superior Técnico; prof. doutor Fernando Magano, vice-reitor da Universidade do Porto; e o estudante Adérito Nunes, presidente da J. U. C.

A entrada dos prelados e dos professores universitários foi sublinhada com entusiásticas ovações.

(CONTINUA NA 6.ª PÁGINA)



Fundação Cuidar o Futuro

Um imponente aspecto da sala enquanto falava o Presidente do Congresso

Faculdades e Escolas Superiores do País.

A sessão inaugural foi presidida por Sua Eminência o Cardeal-Patriarca de Lisboa. Na mesa de honra sentaram-se, à direita, mons. Moreira, em representação do Nuncio de Sua Santidade; Dom Manuel Trindade Salgueiro, arcebispo de Milene e presidente nacional da Acção Católica; Bernard Ducret, secretário-geral do Movimento Internacional dos Estudantes Católicos «Paz Romana», e a estudante Maria de Lurdes Pintassilgo, presidente da J. U. C. F. A esquerda, ficaram os srs. prof. doutor Fernando Pires de Lima, Ministro da Educação Nacional; prof. eng.º Belard da Fonseca, director do Instituto Superior Técnico; prof. doutor Fernando Magano, vice-reitor da Universidade do Porto; e o estudante Adérito Nunes, presidente da J. U. C.

Assistiram, ocupando as primeiras filas de cadeiras, os srs. arcebispo de Évora; arcebispo-bispo-conde de Coimbra; bispos de Beja, do Porto, Priene, Eúrea e Acalisso; e grande número de lentes de todas as Universidades, entre os quais se salientavam os prof. doutores Gustavo Cordeiro Ramos, presidente do Instituto de Alta Cultura; José Gabriel Pinto Coelho, reitor da Universidade de Lisboa; Moses Amzalak, reitor da Univer-

16/4



Inaugurou-se o I Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

Aberta a sessão, foi lida a seguinte mensagem de Sua Santidade Pio XII:

Vaticano, 9 de Abril de 1953 — Excelência — Na véspera do primeiro Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica, masculina e feminina, de Portugal, o Soberano Pontífice compraz-se em responder ao vosso filial pedido dirigindo a todos esses queridos jovens reunidos em Lisboa os seus votos paternais.

«O pensamento católico e a Universidade, tal será o tema desta assembleia, que se realizará sob o patrocínio do episcopado português, com a participação de professores das três universidades do País. Uns após outros serão abordados os múltiplos problemas que hoje põem à consciência dos estudantes a penetração e a irradiação da fé cristã em todo o seu pensamento e em toda a sua vida.

Neste tempo pascal, em que a Igreja celebra a ressurreição do Salvador, garantia dum fe inquebrantável e princípio dum atento apostólico sempre novo, os jovens congressistas mostrarão de reflectir, com lucidez e confiança, nas suas obrigações intelectuais, nos seus deveres morais, nas suas responsabilidades sociais. Não serão aliás guiados neste estudo pelas orientações que Sua Santidade há poucos meses dirigiu dum modo particular aos membros do Congresso Internacional de Paz Romana?

O apostolado intelectual é difícil. Tanto como qualquer outro é estéril sem a graça haurida na oração e na frequência assídua dos sacramentos; mais que muitos outros, exige a autoridade dum competência pessoal, muitas vezes adquirida a preço de obscuras e pacientes fadigas. É tarefa das Organizações da Acção Católica Universitária preparar para a Igreja e para a Pátria tais apóstolos, cujo pensamento, humilde e firme, se deixe prender apenas da verdade e cujo coração se abra largamente às necessidades espirituais e temporais de seus irmãos.

Confiando pois de todo o coração à maternal intercessão de Nossa Senhora de Fátima o futuro dos movimentos católicos da juventude académica portuguesa, o Santo Padre concede a Vossa Excelência e a todos os que participam neste primeiro Congresso Nacional uma paternalíssima Bênção Apostólica.

Queira aceitar, Excelência, a expressão dos meus mais devotados sentimentos em Nosso Senhor.

a) J. B. Montini, Prosecre.

A Sua Excelência Rev.^{ma} D. Trindade Salgueiro, presidente da Acção Católica Portuguesa.

TELEGRAMAS DE SAUDAÇÃO AO PAPA E AO CHEFE DO ESTADO

Foi esta mensagem sublinhada com as mais entusiásticas ovações. Logo depois foram lidos os seguintes telegramas, que o Congresso aprovou por entre calorosas salvas de palmas:

«Sua Santidade o Papa Pio XII — Cidade do Vaticano — Universitários da Acção Católica Portuguesa reunidos em número de mil e novecentos no seu primeiro Congresso Nacional sob a alta presidência de Sua Eminência o Cardeal-Patriarca de Lisboa e na presença do venerando Episcopado, agradece comovidamente a S. Santidade a augusta mensagem que por intermédio da Secretaria de Estado do Vaticano se dignou de lhes enviar e protestam a sua dedicação inquebrantável à Santa Igreja e a sua filial submissão ao Vigário de Cristo. Os presidentes — Maria de Lurdes Pintassilgo e Adérito Nunes».

«Sua Excelência o Presidente da República — Lisboa — Universitários Católicos, reunidos em número de mil e novecentos no seu primeiro Congresso Nacional, para estudar os problemas da Universidade à luz do pensamento da Igreja, saudam respeitosamente Vossa Excelência, afirmando o seu vivo desejo de trabalhar pelo engrandecimento da Nação Portuguesa. Os presidentes — Maria de Lurdes Pintassilgo; Adérito Nunes».

«A RAZÃO DE SER DO CONGRESSO»

O presidente-geral da Juventude Universitária Católica e da Comissão Executiva do Congresso, estudante sr. Adérito Nunes, proferiu, a seguir, o discurso inaugural.

Depois de ter saudado o Senhor Cardeal-Patriarca, o sr. Ministro da Educação Nacional, os reitores e professores universitários presentes e os delegados das federações académicas estrangeiras, explicou os motivos por que se organizou entre nós um Congresso sobre a Universidade, exaltando-a simultaneamente como centro de formação da «élite» dum País e como ponto da mais elevada concentração do saber.

Da Universidade irradia constantemente um grupo de homens destinados a postos de direcção social. Que deve ela fazer para que este grupo constitua verdadeiramente um escol? Na Universidade concorrem todos os ramos do conhecimento. Que poderia ela fazer para salvar a necessária unidade da cultura?

Em resposta a estas duas perguntas, desenvolveu largamente a natureza, a missão e a responsabilidade social da instituição universitária.

O que a Universidade deve ser — disse a propósito — em ordem à formação do grupo que nela se prepara para as tarefas de comando social, depende naturalmente das qualidades que esse grupo deve possuir. Determinando-as, são os próprios fins da Universidade enquanto Escola Superior que se determinam.

Ora, a primeira de tais qualidades é que constitua efectivamente um autêntico escol intelectual.

Definiu o que deve entender-se por chefe e disse quais as qualidades e atributos que deve possuir.

E afirmou, depois:

«Se o universitário se destina a ser chefe — seja o primeiro cuidado da Universidade procurar que ele atinja a mais completa maturidade intelectual, pela aquisição dum rigorosa disciplina mental, dum sentido crítico, e de hábitos de trabalho metódico, de observação, de reflexão e de iniciativa, que lhe permitam defrontar e resolver bem os «problemas de vida activa, graves, complexos e com dados múltiplos e variáveis», em que, como nos tem lembrado o Santo Padre Pio XII, é chamado a exercer uma «superintendência directiva, coordenadora». Formar a personalidade intelectual dos estudantes é, assim, o primeiro fim essencial da Universidade».

A seguir, o orador falou da ciência, da cultura e do profissionalismo, e do lugar que cada um destes elementos deve ocupar na Universidade, em vista do fim essencial que ela se propõe, tal como acabava de o apresentar. Acrescentou, porém, que isso, posto que muito, não basta. Para formar o escol, não interessam apenas as qualidades intelectuais. Mais importantes que elas, são as qualidades morais e o espírito cívico.

A missão da Universidade é ainda mais vasta. Independentemente dos homens que por elas passam e que elas têm a missão de formar para a condução da vida social as Universidades são também grandes focos em que concentra e labora a cultura. Nas Universidades reúnem-se todas as competências, todas as formas, todos os aspectos da cultura. Mas acaso seria razoável que a Universidade se desinteressasse da realização dessa síntese que, segundo nos lembra o Santo Padre, «o progresso moderno e a especialização cada vez mais desenvolvida tornam também mais necessária do que nunca?». Aliás, se a não realizasse, que cultura poderia ela ensinar aos estudantes? O de que o universitário carece não é uma soma de conhecimentos vários e soltos, mas uma visão estruturada e integrante do real. Ora a Universidade só lhe poderá dar essa visão quando tiver primariamente realizado a síntese de todos os objectos do saber».

E a terminar, disse:

«São estes os grandes traços do conceito de Universidade que inspira os trabalhos do Congresso que hoje se inaugura. E por que motivo se adoptou como tema: a Universidade e o Pensamento Católico? Porque os organizadores entenderam que os problemas universitários só podem ser apreendidos no absoluto da sua profundidade, quando encarados do ponto de vista dum concepção integral do Mundo, do homem e da vida.

«Por conseguinte, estudar o problema da Universidade à luz do pensamento católico — que é mera hipótese ou uma teoria qualquer da realidade, mas adequada expressão humana da verdade absoluta e eterna — é colocá-lo na perspectiva que realmente lhe convém, em particular nestes tempos em que «os erros terríveis de materialismo e do naturalismo evidenciam a vacuidade dum filosofia construída sob fundamentos puramente humanos» e provam a razão que assiste a Pio XII ao afirmar que todo o pensamento «que negue a interna e essencial conexão com Deus de tudo o que se refere ao homem ou prescindir dela, segue um caminho falso, e, enquanto com uma das mãos controla, com a outra prepara os meios que, tarde ou cedo, porão em perigo ou destruirão a obra».

SAUDAÇÕES DO EPISCOPADO E AUTORIDADES; MENSAGENS DE UNIVERSITÁRIOS ESTRANGEIROS

Uma nova e calorosa ovação escutou o orador ao terminar.

Depois foram lidos e aplaudidos diversos telegramas e mensagens de todo o Episcopado e autoridades civis e de várias Federações como dos universitários católicos húngaros, no exílio, com sede na Holanda; universitários católicos italianos, brasileiros e paraguaios — que enviará um delegado; dos estudantes lituanos no exílio, com sede na América e que pedem, numa mensagem impressionante de emoção aos estudantes católicos de Portugal terra das Aparições de Fátima, que rezem pela libertação da sua pátria, que sofre a mais terrível das opressões; e uma, finalmente, dos estudantes católicos ingleses.

«O CONGRESSO VISTO POR UM PROFESSOR» — NOTÁVEL ORAÇÃO DO DR. FERNANDO MAGANO

Levantou-se, depois para falar o vice-reitor da Universidade do Porto, sr. prof. doutor Fernando Magano, de cujo discurso — notável sob todos os aspectos, apenas poderemos dar uma ligeira síntese.

Disse que lhe parecia singularmente expressivo o Congresso e tem algo de muito novo. Tratará de problemas fundamentais da cultura, muitos dos quais o têm também preocupado. Não se entrometeria neles porém, antecipando-se ao próprio Congresso. Faria apenas, além da sua saudação, uma pequena achega. A estrutura actual da Universidade não satisfaz. E o problema não é só das Universidades portuguesas, ou latinas ou americanas. É económico. Preocupa todos os que têm responsabilidade em encarar esse problema de frente. Mas também é certo que a Escola não satisfaz melhor porque não pode mais. Quería, porém, trazer uma afirmação àquele Congresso: é que na Universidade do Porto e sob a orientação do magnífico reitor, se vive um ambiente de confiança no futuro. Estava bem por isso, que fossem os alunos, mais livres de movimentos, ainda não ligados aos interesses que prendem os homens, quem se movimentam. Muito bem. Desinteressados, sinceros e ainda não estabelecidos no viver, eles aí estão para ver se conseguem resolver o problema da Universidade do futuro. Agostinho de Campos numa frase lapidária, definiu o conceito da Universidade como escola da aristocracia, da inteligência e do carácter, única admissível. Andam muitos universitários aos baldões, porque não têm doutrina. É cômoda a posição de só tratar da ciência. É cômoda, mas não basta. E quando a rua encontra a Fé, não faz sentido que a ciência e a técnica andem agarradas a formas absolutas. É necessário que o mestre, sem alhear-se do conhecimento científico possa dar o rumo certo àqueles a quem prepara para a vida.

A Igreja aconselha e esclarece os espíritos nesta hora tumultuária em que o Mundo vive. Tomando embora conta do temporal vê-o intemporalmente. Já se divisam vislumbres de melhores dias. «Voltará a Humanidade à paz dos claustros para então se reencontrar: mas o específico carácter desta nossa hora, os claustros se situam no âmago das multidões e é aí, aí mesmo, que haverá que semear a paz, dizendo a palavra lúcida, exemplificando, dizendo acções.

A palavra da Igreja que primeiro se dirige à consciência, ao ânimo de cada um, envolve logo, por sua mesma definição e carácter, a comunidade dos homens. E lembra-lhes que vivem a sua hora, olhos postos na hora de sempre. «Quando dizels, «magníficos juístas, estar presente, servir a Igreja», desenhais o mais nobre programa da juventude: «viveis plenamente a sua obra, viveis, sinceramente a lei do Senhor Jesus. A nossa hora é esta; a lei está na Igreja. A Universidade diz o saber da hora; a Igreja ensina o saber de sempre. A Escola esclarece o viver; a Igreja abre essa vida. A primeira é o momento; a segunda é o sempre. Vivamos, então, conscientemente, o nosso momento, confiadamente para sempre».

Uma extraordinária e calorosa ovação — que durou minutos, coroou as palavras do ilustre professor universitário.

Falou, depois, o Senhor D. Manuel Trindade Salgueiro, que proferiu um notável discurso de saudação aos congressistas, o qual publicaremos, na íntegra, amanhã.

«ABRE MAGNIFICAMENTE ESTE CONGRESSO» — afirmam o Cardeal Patriarca de Lisboa

Quando as ovações, prolongadas e repetidas, ao Senhor D. Manuel Trindade Salgueiro, não tinham terminado, ainda, levantou-se para falar o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa.

«Abre magnificamente este Congresso — disse o purpurado — com a bênção do representante de Deus na terra; a presença do sr. Ministro da Educação, que tem como fundamental para a educação, aliar-se à escola o princípio da moral católica; a presença dos mestres, que em tão grande número estavam presentes naquela sala.

Abria magnificamente o Congresso, na presença de tantos rapazes e raparigas das Universidades que querem combater até ao supremo sacrifício da vida, por Deus e pela Pátria.

Nesta hora conturbada em que o Mundo, pode dizer-se, do nascimento dum outro Mundo novo, e em que a maior heresia pretende impôr-se aos homens; em que se apagam as estrelas no céu e muitos, embora curtos, não sabem quem são nem para onde se dirigem, sabia bem ver aquele escol de universitários que adoptaram o lema: «Estar presente. Servir a Igreja».

Estar presente — para que o Mundo Novo seja construído na caridade, na justiça, na bondade, na Verdade, no perdão e no amor e não na escravidão dos homens.

Servir a Igreja — sublinhou — não é ser escravo, mas encontrar a liberdade plena; a Igreja é o farol da luz e da liberdade de Cristo. Seguir a obra do Redentor é seguir no caminho da deflcação do homem. Não se compreende a Cultura apenas material e que se arroga ao título de detentora da Verdade e que sistematicamente se alheia daquela, do único que de si próprio ponde dizer: «Eu sou o caminho da Verdade e da Vida».

«Católicos e universitários são sinónimos — porque católico é universal. E quando se pode dizer isto, está dito tudo. Começa magnificamente este Congresso».

Assim terminou com novos e entusiásticos aplausos e estas palavras de Sua Eminência, o Congresso dos Universitários Católicos.

O PROGRAMA DE HOJE

O programa de hoje é o seguinte: As 9 horas: Missa na Sé Patriarcal celebrada pelo Senhor Arcebispo de Milão; às 11 horas: 3.ª reunião plenária de trabalhos: Tese: «Origem e Evoção da Universidade». Relator: prof. doutor Guilherme Braga da Cruz, da Faculdade de Direito de Coimbra. Presidente: prof. doutor Manuel Gomes da Silva, da Faculdade de Direito de Lisboa; às 15,30 horas: 2.ª reunião plenária de trabalhos: Tese: «Fins da Universidade». Relator: prof. eng.º Manuel Cortés de Barros, director da Faculdade de Engenharia do Porto. Presidente: prof. doutor Fernando Magano, da Faculdade de Medicina do Porto; às 21,45 horas: «Serenação», pelos estudantes de Coimbra, no «Auditorium», do Instituto Superior de Agronomia, na Tapada da Ajuda».

NOVA ET VETERA

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

Por toda a parte sofrem as instituições de falta de valores autênticos. Já chega que nos digam que a carência de elites se explica pelas influências desastrosas das duas últimas grandes guerras. É explicar demais... Contentar-nos com essa triste verificação que, assim, no pensar de tantos, seria inevitável, é criminoso comodismo. É mesmo tração.

Não, não chega explicarem-nos que a carência de um escol tem qualquer origem que nos desobrigue de uma responsabilidade pessoal ou, em certos casos, colectiva. Que não seja senão a vaga de mediocridade que saltou para lá dos muros da cidade a razar no seu caminho todos e tudo quanto adrega de encontrar; que não seja senão essa superficialidade a viver de qualquer diploma universitário — e já isso será razão para nos saudarmos e acordar de um sono beato que foi deixando correr... e vê aí, agora, os desastres sem número da organização social moderna.

Pior que tudo — que tudo! — é a mediocridade. Mas, pior que todas as mediocridades, é a mediocridade universitária. Bem parece que é esta a causa de tantos efeitos que estão para aí à vista...

Se uma sociedade, se uma nação, não pode viver nem vingar sem um escol bem preparado; se é a Universidade que deve preparar e fornecer à nação esse escol — não é difícil concluir como é gravíssimo, talvez por culpa de todos nós, este pecado mortal da nossa Universidade.

Instalou-se por aí a mediocridade, a futilidade, a superficialidade. Da mediocridade nasceram a burocracia, as ideias feitas, a preguiça, o servilismo...

Pior que tudo é a mediocridade — mas a Universidade é a culpada número um da mediocridade que invadiu a vida — e nos afoga a todos.

Vão os universitários católicos assumir graves responsabilidades com a realização deste congresso. Tê-lo levado a cabo, certamente com enormes sacrifícios, é já hoje uma vitória que há a agradecer-lhes.

Mas o que a Nação espera mais deles é que, mais do que os discursos e as teses do congresso, eles se proponham, como homens da Igreja que são: «estar presentes» — pela sua vida exemplar, pelos seus méritos intelectuais, pelo seu valor pessoal universitário, — na vida da Nação.

A palavra de Pio XII, de há anos, ao Congresso de Educação Religiosa de Boston, pode fechar este artigo — que é de parabéns aos universitários católicos: — «do que o mundo de hoje tem mais necessidade não é de apoletas, mas de testemunhas».

G. DE ALMEIDA

Direção da Saúde
(15-4-53)



Fundação Cuidar o Futuro